

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

**ARQUITETURA INDUSTRIAL NA CIDADE DE CRUZEIRO SP: O CASO DO
FRIGORÍFICO CRUZEIRO S/A (1916-1966)
Curso Arquitetura e Urbanismo**

Autores: Camila Ferreira de Oliveira Rocha

Prof. Orientador. Me. Ademir Pereira dos Santos

São Paulo, setembro de 2012

1. Resumo

O tema deste trabalho é a arquitetura industrial e aborda-se o caso do antigo Frigorífico Cruzeiro S/A, situado na cidade de Cruzeiro-SP, com o objetivo de identificar, documentar e analisar as características tipológicas das edificações, considerando o contexto histórico desse empreendimento. Para isso, foram analisados a documentação iconográfica, levantamento cartográfico e planialtimétrico, bibliografia e feitas visitas *in loco*. Os resultados compreenderam o levantamento arquitetônico, a identificação da linguagem arquitetônica dos edifícios, seu processo produtivo e sua situação atual no contexto urbano.

2. Introdução

Desde o início da industrialização paulista, e mais acentuadamente a partir das primeiras décadas do século XX, os estabelecimentos fabris procuravam regiões periféricas da cidade de São Paulo, entre elas, o Vale do Paraíba, devido aos custos elevados para a implantação de novas indústrias na cidade de São Paulo, palco principal da primeira fase da industrialização moderna no Brasil (1870-1930).

Em 1914, chegou o empresário do ramo frigorífico, o alemão Henrique Elvir Moeller e sua família, se prontificando em montar um frigorífico na periferia do município de Cruzeiro, uma cidade do Vale do Paraíba, que foi palco das frentes de combate na Revolução Constitucionalista de 1932 e que experimentou um processo peculiar de industrialização, desde a inauguração da Estrada de Ferro (E. F.) Dom Pedro II (atual E. F. Central do Brasil) em 1877, e posterior inauguração da E.F. Sul Mineira, ligando Cruzeiro-SP a Três Corações-MG.

No ano de 1916 foi inaugurada a empresa, que durante 6 a 7 anos ficou sob tutela do Sr. Henrique Elvir Moeller. Nos anos quarenta ficou sob a tutela dos empresários Dr. Theodoro Quartim Barbosa, que era também proprietário do Banco Comércio e Indústria e, do Frigorífico Cruzeiro S/A (Figura 1), este último com sociedade com Sr.

Caio Paranaguá Muniz, que era responsável pelo escritório do Rio de Janeiro, onde o Frigorífico mantinha sua maior parte de vendas.

Esse foi um período de intensa produção, abatia cerca de 700 cabeças de boi por dia, e em seu terreno abrigava cerca de 1000 cabeças, constando cerca de 700 funcionários, exportando carne para os Estados Unidos e Japão e anteriormente para a Revolução Constitucionalista de 1932.

Para administrar o Frigorífico, de início o homem forte foi o Sr. Francisco Lemos, depois o Sr. Luiz Quartim Babosa (Diretor Gerente) e mais tarde, Oadir Costa Barbosa (Gerente Industrial). Esta administração trouxe muito prestígio para a cidade, pois com frequência vinham personalidades tais como: o governador Ademar de Barros; vários embaixadores (Alemanha, Inglaterra, França e Japão) e candidatos à presidência, como o Marechal Lott entre outros.

Durante o período em que o Luiz Quartim Barbosa foi o Diretor Gerente, a empresa admitiu um alemão, Wolfgang Müller, que era um grande especialista em resfriamento de carnes, tendo a empresa a fama de ter a melhor carne resfriada do país.

“Com a entrada da Wyllis Overland, no Brasil no início da década de 60, O Dr. Theodoro foi convidado para ser presidente desta multinacional, mudando de ramo, para fabricar automóveis”, segundo o Encarregado do Expediente ligado à Diretoria.

Na administração Fialdini, os irmãos Américo, Sérgio e Domenico, compraram o Frigorífico Cruzeiro em 1963, sendo esta a quarta empresa sob seu controle.

Como a empresa gozava de muito prestígio junto aos fornecedores, clientes e bancos, foi fácil administrá-la. Além disso, havia o fato de que a esposa do Sr. Américo era sobrinha do Presidente da República da época, o Sr. João Goulart. Nessa época segundo diretores e funcionários, os caminhões Fialdini não sofriam fiscalização, e podiam até vender sem nota fiscal.

Os Fialdini faliram em 1966, quebrando os quatro frigoríficos de uma vez.

A administração Fialdini não foi a principal culpada pelo fim da empresa, mas sim outros fatores de ordem econômica. O motivo maior foi a escassez de gado nas

proximidades do Frigorífico, e nos meses entre as safras e as compras a escassez aumentava, porque os fazendeiros se recusavam a vender seus bois magros, fazendo com que o frigorífico estocasse suas carnes em câmaras frias, eram dezesseis câmaras grandes. Este prejuízo, somando-se ao longo dos meses, foi uma das causas de seu fracasso.

Em função dos problemas acima descritos, o Frigorífico teve que fazer empréstimo com um valor muito elevado, junto ao Banco do Brasil, e como eles tinham o Presidente da República “por perto”, isso não seria difícil.

Em 1964, quando os militares tomaram o poder, o Presidente foi deposto. O Banco do Brasil começou a exigir suas quitações, com juros e correções cambiais.



Figura 1: Vista Aérea do Complexo Frigorífico. (Acervo Particular, c. 1940).

Nessa época o Frigorífico tinha mais de dez toneladas de carnes estocadas. Apareceu em Cruzeiro um embaixador alemão disposto a comprar toda a carne para o seu governo, porém a venda não foi concluída, devido ao desentendimento entre Américo Fialdini e a Fiscalização Federal, esta carne teve vetada a sua exportação. Depois de negociar, o Frigorífico conseguiu ordem para somente industrializá-la. Sob o argumento de que iria industrializá-la, quem a comprou nesse estado de desvalorização, foi o Frigorífico Sola da cidade de Três Rios-RJ. Eles compraram e exportaram, pois o Frigorífico Cruzeiro não pode fazê-lo.

Mesmo com a falência do Frigorífico e com o difícil acesso à Via Dutra que a partir de sua inauguração em 1951 reestruturou a rede de cidades na região, a cidade de Cruzeiro manteve um representativo parque industrial, pois foram instaladas indústrias, como a antiga Fábrica Nacional de Vagões “FNV”, que começou as atividades nas dependências abandonadas pela Rede Sul-Mineira em 1941, assumindo o controle posteriormente o grupo IOCHPE MAXION, movendo a economia da cidade até os dias atuais, além de algumas indústrias alimentícias e de produtos químicos.

O Frigorífico tornou-se mais uma das fábricas da “primeira industrialização” no Vale do Paraíba que foram fechadas e abandonadas, esquecidas pelos órgãos de preservação, gerando descontinuidades no tecido urbano. A ausência de uma política pública para estimular a preservação da memória contribui para que a Arquitetura Industrial seja desprezada, e cidades como Cruzeiro acabarão perdendo características fundamentais para sua história.

3. Objetivos

Identificar e analisar as características tipológicas das edificações do Frigorífico Cruzeiro S/A, considerando o processo histórico em que se insere a sua trajetória. Pretende-se contribuir para a sua valorização como patrimônio cultural, estratégico para preservação da memória e revitalização urbanística do município de Cruzeiro-SP.

4. Metodologia

As experiências proporcionadas pelos inventários arquitetônicos e urbanísticos realizados pelos órgãos oficiais forneceram o embasamento teórico e metodológico necessário para a documentação e análise propostas.

A documentação iconográfica (fotografias, gravuras, plantas e desenhos) e o levantamento cartográfico e planialtimétrico foram combinados ao levantamento bibliográfico, em periódicos e na literatura especializada. Visitas *in loco* foram fundamentais para documentar o estado físico e a integridade das edificações.

5.1 A implantação



A salamaría, espaço dedicado à produção de salames, mortadelas e outros embutidos, ficavam junto ao edifício principal e finalizando o conjunto encontrava-se o setor de embalagens e ao fundo os currais e o pasto. Ao lado direito dessas edificações havia a pista de pouso do Frigorífico, hoje a atual Avenida Minas Gerais, e à esquerda a Residência dos Diretores.

5.2 A linguagem arquitetônica

Apesar de não encontrarmos o autor do projeto, fato que impede afirmar se houve ou não um arquiteto ou engenheiro que concebeu os edifícios, percebe-se certa preocupação estética, apesar da falta de unidade formal e preocupação com ornamentação. A busca de uma nobreza arquitetônica manifesta-se no uso de cornijas que subdividem o pavimento superior, destacando-o na composição. As platibandas envolviam a cobertura e pilastras com capitéis emolduravam os vãos do piso destinado à matança no 2º pavimento, acentuando sua importância.

O piso intermediário e o térreo não possuíam o mesmo destaque arquitetônico apresentando aberturas reduzidas, em função das câmaras frias. Um ramal ligava este edifício ao leito da Estrada de Ferro Dom Pedro II, o que garantia o escoamento da produção.

Merece destaque na composição do edifício a rampa de acesso dos animais à sala de matança (Figura 3). Trata-se de um elemento que o distingue em relação dos demais do conjunto. Ao lado da rampa dedicada aos animais havia uma escada técnica para o uso dos funcionários que os conduziam.

Na face oeste havia um elevador que facilitava o acesso de funcionários e o transporte da carne.



Figura 3: Ruínas do antigo Frigorífico

6. Resultados

Os resultados compreendem o levantamento arquitetônico, a interpretação de cada edificação, o papel desempenhado no conjunto do processo produtivo e a identificação da linguagem arquitetônica e o partido adotado, tal como segue, sinteticamente apresentados.

6.1 O Edifício Principal

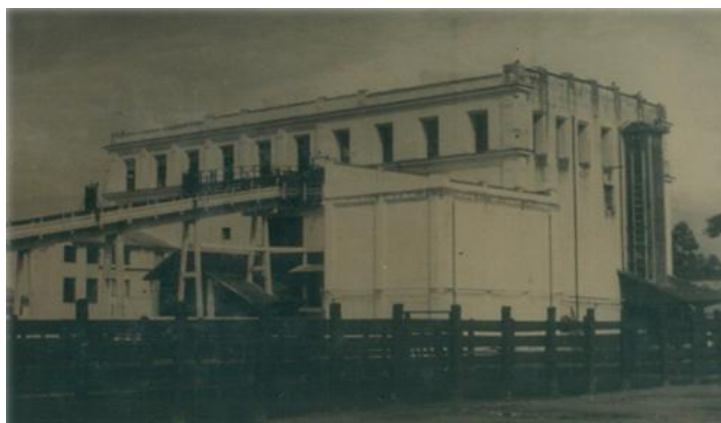


Figura 4: Edifício Principal do Complexo Frigorífico Cruzeiro S/A- vista dos currais (Acervo Particular, c. 1940).

O edifício principal (Figura 4) além da matança era o local dedicado ao acondicionamento da carne em câmaras frias, fabricação de presunto, de linguiça e mortadela, o edifício abrigava ainda a sala de máquinas. O edifício de planta retangular possuía dois pavimentos, o superior era dedicado à matança e o térreo abrigava as demais atividades.

6.2 Três maneiras distintas de o gado chegar ao Frigorífico.

Primeira: pela Rede Mineira de Viação, bitola de 1m. Nesta o trem passava pela Estação do Cruzeiro e ia descarregar na Estação de Rufino de Almeida, dali para o Frigorífico, ele vinha tocado por boiadeiros, que também eram empregados do Frigorífico. Entravam na cidade e indo direto para o pasto, que ficava ao redor da empresa. Como esse caminho era único, esta rua até hoje é conhecida com a rua das boiadas e fica na atual Vila Paulo Romeu.

Segunda: pela Central do Brasil, bitola de 1,60m. Para o sucesso desta operação a Central do Brasil prolongou suas linhas até a frente do Frigorífico, que dava para a Rua Voluntários Paulistas. Desta forma os bois eram descarregados praticamente dentro do terreno da empresa, garantindo também o escoamento da produção. Essa forma existiu desde os tempos do alemão Sr. Henrique Elvir Moeller, primeiro proprietário.

Terceira: pela frota de caminhões do Frigorífico. A empresa possuía caminhões do tipo gaiolo, para buscar bois de Governador Valadares, Teófilo Ottoni, Montes Claros, Araçatuba etc. Seus motoristas também pertenciam ao seu quadro de funcionários efetivos e registrados.

6.3 Rampa de acesso à Sala de Matança – 1º e 2º andar edifício principal

1º Passo: para que os bois subissem a rampa, que os levavam até a sala de matança no terceiro andar, eles primeiro passavam por uma espécie de piscina rasa, que tinha dupla finalidade: a primeira de lavas os cascos com detergente, e a segunda, molhar as patas para receberem o choque elétrico, que os faziam subir na rampa.

2º Passo: Na chegada em cima, no chamado alçapão, ficava o marreteiro que acertava a cabeça do animal e derrubava-o. Um boi passava para as mãos de quase todos os magarefes, porque a produção era em linha, isto é cada magarefe fazia uma tarefa e passava o boi à frente.

3º Passo: Após a marretada o “amarrador” passava a corrente nas patas e as suspendia para o trilho. Com a ajuda de carretilhas, deslocava o animal para a esquerda e entrava o “sangrador”, que o sangrava na parte inferior do pescoço, bem debaixo do queixo. Nesse momento começava a trabalhar a cara do boi.

4º Passo: Fazia-se um talho no couro e fazia penetrar o ar comprimido, que entrava entre a carne e o couro, fazendo o boi inchar, dessa forma soltava todo o couro. Ficava então faltando soltar o couro das extremidades.

5º Passo: Entrava os magarefes que se incumbiam de cortar as peças.

Percebe-se que o partido adotado de colocar no piso superior a sala de matança era estratégico para a distribuição por gravidade da matéria-prima.

Depois da subdivisão processada na matança as peças eram conduzidas para os outros edifícios, neste caso por dutos aéreos de madeira.

6.4 As demais edificações

Apesar da preocupação estética com os principais edifícios, o conjunto não apresenta uniformidade, sejam nas formas, coberturas, materiais e elementos estruturais. Trata-se de uma indicação de que o mesmo foi resultado de ampliações sucessivas, que nem sempre foram orientadas pela uniformidade.

Um exemplo desta condição é o Laboratório de Inspeção Federal que fica ao lado do edifício principal. Na sua composição o edifício apresenta elementos arquitetônicos que denotam a preocupação estética. O telhado de quatro águas foi envolvido por uma platibanda e frisos acentuando sua composição em dois pavimentos. No entanto, as pilastras salientes no térreo não tem continuidade na fachada do piso superior.

7. Considerações Finais

Após décadas de “progresso”, participando da economia e do desenvolvimento urbano das “cidades mortas” abandonadas pelo café, o Frigorífico Cruzeiro S/A faliu em 1966, restando apenas suas ruínas (Figura 4), que se tornou esconderijo para usuários de drogas, e um comércio a sua frente, onde ficava o armazém. Algumas áreas, onde ficava o pasto e parte dos currais foram doadas à Prefeitura Municipal na época, onde hoje fica o Bosque Municipal, o Ambulatório e parte da malha urbana do município.

O complexo do frigorífico implantado em um terreno de grandes proporções constitui atualmente um “vazio urbano”, numa área que se tornara central devido à expansão do tecido urbano, gerando descontinuidades no mesmo (Figura 5). Como nem

sempre têm expressão arquitetônica representativa, se encontra esquecido pelos órgãos de preservação e pela própria administração municipal.

Essa área, ao lado do Bosque Municipal, com remanescentes de Mata Atlântica, deve ser inserida de forma coerente no panorama da cidade e equipada com novos usos para que a população possa usufruir desse espaço, tendo consciência da preservação de seus recursos naturais e da sua própria história.

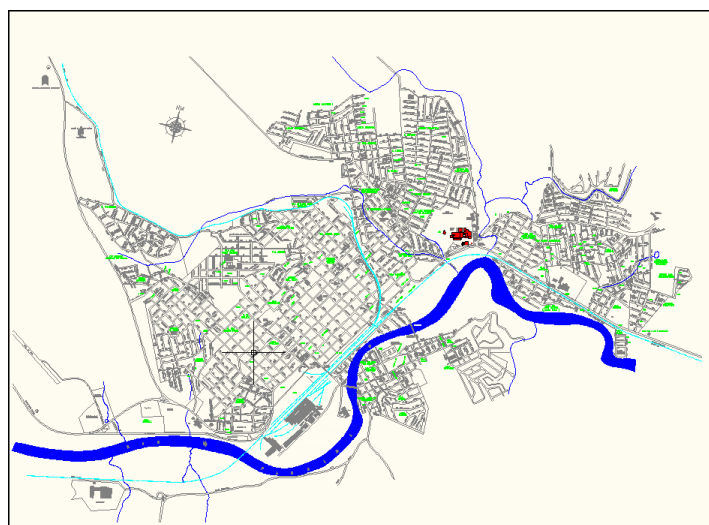


Figura 5: Mapa do Município e a implantação do Frigorífico na malha urbana

8. Fontes Consultadas

SANTOS, A. P. **Arquitetura Industrial**: São José dos Campos. SJC: Ed. do autor, 2006.

HARDMAN, F.F.; LEONARDI, V. **História da indústria e do trabalho no Brasil**: das origens aos anos 20. São Paulo: Global, 1982.

LEMONS CARLOS. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MULLER, Nice Le Coq. **O fato urbano na bacia do rio Paraíba**. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.